

Senna vê na exportação a saída contra recessão

O ex-diretor da Dívida Pública do Banco Central, José Júlio Senna, acha que a melhor saída para o País evitar o agravamento da recessão econômica é a dinamização do setor exportador. Em um almoço ontem à tarde, oferecido pelo Ibeif (Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros), Senna fez um pronunciamento em que, além de expor suas preocupações com o futuro do Brasil, analisou os planos de estabilização da gestão de Dílson Funaro; o atual Plano Bresser e as metas a ser atingidas. "O Brasil, disse ele, tem um dinamismo incrível. A taxa histórica de seu crescimento anual é da ordem de 7% mesmo com as depressões e recessões dos anos 30, 70 e 80. Minha maior preocupação é, portanto, com a manutenção deste dinamismo".

Diretor do Banco Boavista e professor da FGV-Rio, Senna acha que, caso as exportações não apresentem um comportamento agressivo nos próximos três ou quatro meses, o governo terá de rever a taxa cambial "pois restringir as importações acabará comprometendo as vendas externas por falta de matéria-prima e componentes". Isto tudo no que se refere ao saldo da balança comercial. Num exemplo prático, Senna perguntou àqueles que acham que exportar não é o mais importante a consultarem o calçadista de Franca para saber o que ele prefere: fazer sapatos para exportar ou o desemprego?

Senna acredita que a política cambial do governo é o "ponto mais saudável da sua política econômica". Só que, em sua opinião, não adianta observá-las sem olhar para as reservas: "Se o Brasil tivesse condições de arcar com seus compromissos em dia, seria muito melhor", afirmou ele numa clara referência à recente decisão de também suspender o pagamento dos juros da dívida externa junto às instituições governamentais de crédito.

Melo pessimista, Senna concordou com os estrategistas do governo que prevêem que o País não sofrerá retaliações no front externo mas, ao olhar para o futuro ele pergunta: "Será que a incapacidade atual de pagar não afetará a nossa capacidade de obter crédito e capital de risco daqui para frente?"

PLANO BRESSER

Ao avaliar o Plano Bresser, o economista e professor da GV, criticou o grau de intervencionismo na política salarial; discordou da noção que a inflação é inercial e reiterou sua crença que a inflação se explica pelo excesso de emissões monetárias e pelo déficit público. Como as três principais dificuldades do Plano, Senna enumerou três: o controle de preços; a tablita que altera as relações dos agentes econômicos e a questão dos gastos públicos. Ele defendeu a conversão da dívida externa em capital: "Mas — explicou — infelizmente chegamos tarde".